

Explosão mata centenas em hospital de Gaza; árabes desistem de receber Biden

— Israel garante que incidente foi causado por foguete lançado por militantes da Jihad Islâmica; ataque provoca ruído na relação dos EUA com aliados no Oriente Médio

GAZA

Centenas de palestinos morreram ontem após um míssil atingir um hospital de Gaza onde milhares de civis se abrigavam. Autoridades palestinas culpam Israel, que rejeitou a acusação e atribuiu a explosão a um foguete com defeito lançado pela Jihad Islâmica – grupo aliado do Hamas. Autoridades palestinas registraram mais de 500 mortes no local.

Enquanto os dois lados tentavam vencer a guerra de narrativas, a notícia da destruição do Hospital Al-Ahli – fundado na década de 1880 por missionários anglicanos – teve efeitos diplomáticos. O líder da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, declarou luto de três dias e cancelou a reunião marcada para hoje com o presidente dos EUA, Joe Biden, em Amã.

Em seguida, a Jordânia cancelou o encontro, que teria a presença do presidente do Egito, Abdel Fattah el-Sisi, e do rei Abdullah, da Jordânia. Os governos egípcio e jordaniano emitiram um comunicado condenando “nos termos mais fortes possíveis” o ataque “bárbaro” ao hospital em Gaza. Irã e Turquia usaram tons parecidos para demonstrar indignação.

A explosão que deixou mais de 500 mortos complicou os planos de Biden. O americano deve se reunir hoje com o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, para



Em hospital de Khan Younis, palestina abraça a filha morta em ataque de Israel à Faixa de Gaza

Bombardeio de Israel mata um dos líderes militares do Hamas

Um ataque israelense matou ontem Ayman Nofal, um dos principais líderes militares do Hamas em Gaza. A informação foi confirmada pelo Exército de Israel e pelos palestinos.

Em comunicado, os israelenses apontaram Nofal como responsável por ataques contra Israel e encarregado de selecionar alvos de foguetes a partir de Gaza. Já o Hamas afirmou que Nofal morreu em “um selvagem bombardeio sionista dirigido contra o acampamento de Bureiy”. ● EFE



transmitir seu apoio. Mas o presidente americano parece ter poucos argumentos para convencer os aliados árabes. Na Arábia Saudita, um conselheiro da família real afirmou que as negociações para normalização das relações com Israel estavam mortas.

CRISE. Protestos eclodiram ontem em diversas cidades do Oriente Médio e do Norte da África. Os mais intensos foram registrados no Líbano, Tunísia, Turquia, Irã e na Cisjordânia. Em sua maioria, os atos se concentraram diante de embaixadas de Israel, EUA e França.

Em Amã, na Jordânia, manifestantes tentaram incendiar a embaixada de Israel. Imagens que circularam nas redes sociais mostraram uma multidão diante do prédio, cercado por forças de segurança. Segundo o governo jordaniano, o ato foi contido e não houve invasão.

A repercussão, no entanto, não ficou restrita ao Oriente Médio. O primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, disse que o ocorrido no hospital não era “aceitável”. “Existem regras nas guerras e não é aceitável atingir um hospital.” Biden também se disse horrorizado com as mortes no hospital.

ESCOLA. Uma escola da ONU foi bombardeada ontem, deixando pelo menos seis mortos e dezenas de feridos. O local atacado é um complexo de oito escolas em Al-Maghazi, região central de Gaza. Segundo a ONU, cerca de 4 mil pessoas se abrigavam nas instalações.

Palestinos que se deslocaram para o sul de Gaza após ordem do Exército de Israel cogitam voltar para suas casas no norte, em razão dos bombardeios israelenses ao sul. Israel admite os ataques, que alega serem como alvo líderes do Hamas. ● NYT, WP e AP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 14